

presença de formação neoplásica cística com características morfológicas compatíveis com o US, em região de início de jejuno acometendo aparentemente apenas a porção serosa do segmento, sem comprometimento funcional do intestino. Para remoção da neoplasia, foi utilizada a técnica de enterectomia látero-lateral, visando diminuir a possibilidade de estenose pós-cirúrgica. O material foi enviado para exame histopatológico de rotina, no qual foi diagnosticado sarcoma de tecido mole, favorecendo leiomiossarcoma. Os sarcomas são tumores malignos e raros que se desenvolvem principalmente (embora não exclusivamente) nos tecidos mesenquimal e conectivo, representando em humanos um total 0,7% de todas as neoplasias malignas, e são encontrados em todos os grupos de idade. As metástases tornam o prognóstico ruim pelo elevado grau de metástase, embora as condições de alguns animais possam ser controladas de forma paliativa com a quimioterapia. O animal retornou para acompanhamento pós-cirúrgico apresentando melhora do seu quadro clínico e não apresentando novos focos de metástase, porém, é indicado controle através de exames de imagem e iniciado tratamento quimioterápico.

- 1 Autora e Médica Veterinária do Setor de Diagnóstico por Imagem do Hovet-Metodista
- 2 Coorientador e Prof. Mestre Responsável pelo Setor de Cirurgia do Hovet-Metodista
- 3 Autor, Colaborador e Médico Veterinário voluntário do Setor de Diagnóstico por Imagem do Hovet-Metodista
- 4 Colaborador e Médico Veterinário trainee do Setor de Cirurgia do Hovet-Metodista
- 5 Colaboradora e Médica Veterinária voluntária do Setor de Cirurgia do Hovet-Metodista
- 6 Colaborador e Graduando em Medicina Veterinária na Universidade Metodista de São Paulo
- 7 Orientador e Prof. Dr. Responsável pelo Setor de Diagnóstico por Imagem do Hovet-Metodista

### Osteoartropatia pulmonar hipertrófica em cão: Relato de caso

Abude, A. 1\*; Romano, L. 2\*

A osteoartropatia pulmonar hipertrófica é uma síndrome paraneoplásica que afeta principalmente animais de raças grandes e geriátricos pela sua própria característica e evolução. Apesar de sua relação com fatores não neoplásicos, como abscessos e outros processos inflamatórios intratorácicos, ela está mais frequentemente associada à neoplasia pulmonar primária ou metastática (BRODEY, 1974). O tratamento é feito de maneira indireta e a cura da lesão subjacente pode proporcionar a regressão das manifestações clínicas esqueléticas de maneira gradual (ETTINGER; FELDMAN, 1997) ou rapidamente (KEALY; MCALLISTER, 2005). O diagnóstico pode ser realizado em função das manifestações clínicas apresentadas pelo paciente, exames laboratoriais como bioquímica sérica e hemograma. Exames diagnósticos por imagem são necessários para a visualização das lesões ósseas típicas e de uma possível metástase pulmonar. O estudo histopatológico de tecidos suspeitos é útil para a determinação da lesão subjacente envolvida. Relata-se caso de um cão fêmea, SRD, dez anos, pesando 5,3 kg, que apresentava dispneia, prostração, posição ortopneica com respiração superficial e aumento de volume dos membros. Foram realizados exames laboratoriais e de imagem que indicavam osteoartropatia pulmonar hipertrófica associada à neoplasia intratorácica. O animal veio a óbito três dias depois da instituição do diagnóstico presuntivo. Foi realizado exame de necropsia que confirmou a suspeita inicial de neoplasia intratorácica e os estudos histopatológicos identificaram as neoplasias envolvidas. Apresentava dois tipos de neoplasias no tórax: adenocarcinoma mamário e sarcoma pleomórfico, caracterizado pela massa intratorácica que ocupava grande parte da cavidade, comprimindo a traqueia de forma acentuada. O diagnóstico de osteoartropatia pulmonar hipertrófica foi instituído com base nos exames clínicos e radiográficos dos membros, da cavidade torácica e dos exames histológicos das formações encontradas.

1 Clínica Veterinária: Clinvet Saúde Animal de Peruíbe. E-mail: ac\_abude@hotmail.com

2 Icone – Instituto de Cirurgia Ortopédica e Neurocirurgia Veterinária. E-mail: romano@ortopediaveterinaria.com.br

www.ortopediaveterinaria.com.br

### Osteomielite secundária à pododermatite ulcerativa em coelho: Relato de caso

Pessoa, C. A. 1\*; Rodrigues, M. A. 2; Prazeres, R. F. 3; Fecchio, R. S. 4

A pododermatite ulcerativa em coelhos é uma afecção de pele crônica e granulomatosa, caracterizada pelo aparecimento de ferida na região plantar ou palmar dos membros. A infecção pode se propagar e atingir tecidos adjacentes, ocasionando osteomielite e septicemia. Um coelho macho, com cerca de um ano e quatro meses, pesando 2 kg foi encaminhado a uma clínica veterinária particular em São Paulo (SP) com histórico de aumento de volume progressivo dos membros torácicos e hiporexia há cerca de três semanas. O proprietário relata que o animal estava realizando o tratamento com um colega, porém, sem melhora do quadro. O tratamento estipulado consistia de enrofloxacin 2,5%, subcutânea, na dose de 5 mg/kg, uma vez ao dia durante sete dias. Durante o exame clínico, observou-se alopecia abdominal e nas faces ventrais dos membros, hipótricos, edema e lesões ulcerativas de membros torácicos, claudicação, dor à palpação e perda da mobilidade articular. O exame radiográfico do membro torácico direito revelou a presença de exuberante reação osteolítica. Optou-se pela imobilização do membro acometido para estabilização da região lítica articular, diminuindo o processo inflamatório e doloroso, contribuindo para uma melhor resposta terapêutica. Como tratamento medicamentoso, foram utilizados enrofloxacin 2,5%, via oral na dose de 10 mg/Kg, a cada 12 horas durante 30 dias e meloxicam 0,2%, via oral na dose de 0,1 mg/Kg, a cada 24 horas durante dez dias. Nas lesões ulcerativas, foi prescrita compressa fria durante 15 minutos e limpeza da região com clorexidine a 2%, a cada oito horas. Após 30 dias, optou-se pela mudança do tratamento, adicionando penicilina G benzatina via subcutânea, na dose de 80.000 UI/kg, uma vez por semana, mantendo-se o enrofloxacin na dose previamente descrita por mais 30 dias. No retorno, o paciente apresentava um quadro de estabilidade clínica ortopédica e repilamento cutâneo. Optou-se, então, pela troca da terapêutica antibiótica, iniciando-se tratamento com ceftiofur sódico via subcutânea, na dose de 2,2 mg/kg, uma vez ao dia, durante 40 dias. A imobilização com Vetrap® foi substituída pela Vetlight®, na qual se pode realizar o uso tópico de fina camada de açúcar cristal com mel nas lesões, a cada oito horas até total cicatrização. Após 40 dias do novo protocolo medicamentoso, o animal apresentava-se em excelente estado e totalmente recuperado.

\*animalexotico@terra.com.br

1 M. V., MSc, Coordenador Pedagógico do Curso de Pós-graduação em Clínica Médica e Cirúrgica de Animais Selvagens e Exóticos Mantidos como Pet – Qualittas

2 M. V. Autônoma

3 M. V., Pós-graduado em Especialização em Clínica Médica de Pequenos Animais, Pós-graduando em Especialização em Clínica Médica e Cirúrgica em Animais Selvagens e Exóticos

4 M. V., Mestrando do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo

### Referências bibliográficas:

- HARCOURT-BROWN, F. Textbook of Rabbit Medicine. 1st ed. London: Butterworth Heinemann; 2002. 436 p.
- HARKNESS, J. E.; WAGNER, J. E. Biologia e clínica de coelhos e roedores. 3ª ed. São Paulo: Editora Roca; 1993. p. 238.

HILLYER, E. V.; QUESENBERRY, K. E. *Ferrets, Rabbits and Rodents: Clinical Medicine and Surgery*. Philadelphia, Pennsylvania: W. B. Saunders Company, 1997. p. 432.

QUESENBERRY, K. E. *Coelhos*. In: BIRCHARD, S. J.; SHERDING, R. G. *Manual Saunders – Clínica de Pequenos Animais*. 2ª ed. São Paulo: Editora Roca; 2003. p.1642-1662.

QUESENBERRY, K. E.; CARPENTER, J. W. *Ferrets, rabbits, and rodents – clinical medicine and surgery*. 2ª ed. Missouri: Saunders; 2003. p. 461.

VILARDO, F. E. S. *Lagomorpha (coelho, lebre, lebre-assobiadora)* In: Cubas, Z.S.; Silva, J.C.R.; Catão-Dias, J.L. *Tratado de animais selvagens – medicina veterinária*. 1ª ed. São Paulo: Editora Roca; 2007. p. 415-431.

### Persistência de ducto arterioso com desvio bidirecional em gato: Relato de caso

Chamas, P. P. C.<sup>1</sup>; Lallo, M. A.<sup>1</sup>; Pereira, G. G.<sup>2</sup>; Elias, D. S.<sup>3</sup>; Ferrarias, T. M.<sup>3</sup>

O ducto arterioso é um vaso sanguíneo que se estende da artéria pulmonar à aorta descendente, permitindo que o fluxo sanguíneo do ventrículo direito, durante a vida fetal, atinja a circulação sistêmica sem passar pelo pulmão. A falha em seu fechamento após o nascimento é denominada de persistência do ducto arterioso (PDA), doença cardíaca congênita relativamente comum em cães e infrequente nos gatos. Pelo ducto patente, ocorre desvio sanguíneo da esquerda para a direita (aorta para pulmonar), acarretando em sobrecarga de volume na circulação pulmonar e câmaras cardíacas esquerdas. Nos casos em que há pouca constrição ductal e o ducto é largo, o alto fluxo pulmonar leva à hipertensão pulmonar, e o desvio de sangue pode, então, reverter e resultar em desvio da direita para a esquerda (PDA reverso). Essa situação normalmente ocorre nos primeiros meses de vida, é irreversível e não pode ser corrigida cirurgicamente. Nesses casos, há desaparecimento do sopro cardíaco devido à diminuição na velocidade do fluxo através do ducto. Foi atendido, no Complexo Veterinário da Universidade Cruzeiro do Sul, um felino da raça siamês, fêmea, um ano de idade, cujo proprietário solicitava cirurgia eletiva de castração. No exame pré-operatório, auscultou-se sopro contínuo grau IV/VI, de padrão intermitente, em foco pulmonar. O hemograma revelou trombocitopenia, que impossibilitou a ovariosalpingohisterectomia. O eletrocardiograma evidenciou ritmo sinusal normal e sinais sugestivos de aumento ventricular direito. O ecodopplercardiograma demonstrou a presença de PDA com fluxo sanguíneo bidirecional e sinais de importante hipertensão arterial pulmonar (fluxo sistólico pulmonar diminuído, hipertrofia moderada concêntrica de ventrículo direito e movimento paradoxal do septo ventricular). Justifica-se o presente relato devido à apresentação incomum dessa cardiopatia congênita em um felino, pois a PDA é relativamente rara nessa espécie, sendo ainda mais inusitada a forma reversa da doença.

1 Professora do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul)

2 Professor do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Guarulhos

3 Médica Veterinária do Complexo Veterinário da Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul)

### Poliartrite imunomediada: artrite reumatoide x lúpus eritematoso sistêmico

Carandina, L. S.<sup>1</sup>; Prada, T. C.<sup>1</sup>; Araujo, M. M.<sup>1</sup>; Coelho, V.S.<sup>2</sup>; Hato, D. S.<sup>3</sup>; Zanco, N. A.<sup>4</sup>; Kolber, M.<sup>5</sup>; Coutinho, A. S.<sup>6</sup>

As poliartrites imunomediadas em cães são difíceis de serem diagnosticadas e tratadas, assim como o lúpus eritematoso sistêmico (LES) e a artrite reumatoide (AR). Nos casos de AR, as articulações do carpo são as mais acometidas,

tendo como outros sinais clínicos rigidez, fadiga muscular, perda de peso e hipertermia. Radiograficamente, os animais apresentam em suas articulações acometidas lise e erosão de cartilagem e osso subcondral. O LES é uma doença de caráter imunomediado e também pode acometer diversos sistemas. Os sinais clínicos mais comuns são lesões cutâneas, poliartrite imunomediada, anorexia, fraqueza, glomerulonefrite, cardiopatias, hepatopatias, dentre outras. Relatamos nesse estudo seis animais atendidos no Hovet-Methodista com poliartrite no ano de 2009, sendo cinco casos de AR e um caso de LES. Todos esses cães apresentavam no primeiro atendimento claudicação, aumento de volume articular com sensibilidade dolorosa na palpação e discreta hipertermia intermitente. Realizamos exames radiográficos, hemograma completo, função renal (ureia e creatinina), relação albumina sobre globulina, velocidade de hemossedimentação (VHS), Fator Reumatoide (FR) e Fator Antinúcleo (FAN). Verificamos nos achados radiográficos que nas duas doenças havia poliartrite com luxação articular e degeneração subsequente. Ainda nos animais com AR, todos apresentavam lise óssea nas regiões das articulações acometidas, principalmente no carpo e joelho. O animal positivo para LES apresentou lesões cutâneas em abdômen ventral. Após duas semanas do primeiro atendimento, teve a VHS aumentada, hemograma com discreta anemia e FAN positivo (1:5200). Dentre os animais com AR, dois apresentaram FR negativo, mas, com base nos sinais clínicos e exames complementares, foi diagnosticada a doença. Em todos os casos, a globulina estava aumentada em relação à albumina. Com isso, verificamos a importância da realização de exames complementares específicos para o diagnóstico precoce dessas duas patologias, que podem ocorrer com sinais clínicos semelhantes. Assim, essas dificuldades inerentes aos casos, por serem pouco estudados como doença reumatológica, implicam na dificuldade para se chegar ao diagnóstico correto e precoce, onde indicaria-se a terapêutica adequada para obtermos sucesso maior no tratamento, antes que ocorram luxações articulares que impossibilitem ao animal sua locomoção.

**Palavras-chave:** Lúpus Eritematoso Sistêmico, Artrite Reumatoide, Poliartrite

1 Autor e Graduando em Medicina Veterinária na Universidade Metodista de São Paulo

2 Autor e Médico Veterinário – Trainee do Hovet-Methodista

3 Autor e Médico Veterinário autônomo

4 Autor e Médico Veterinário Diretor do Hovet-Methodista

5 Autor, Professor de radiologia e Médico Veterinário responsável pelo Setor de Radiologia do Hovet-Methodista

6 Autor, Orientador e Médico Veterinário da Universidade Metodista de São Paulo, Professor de Cirurgia e Cirurgia Responsável do Hovet-Methodista

### Prevalência da doença degenerativa valvar crônica mitral em cães

Chamas, P. P. C.<sup>1</sup>; Saldanha, I. R. R.<sup>2</sup>; Costa, R. L. O.<sup>2</sup>; Noronha, N. P.<sup>3</sup>

A doença degenerativa da valva mitral (DDVM) é, dentre as alterações adquiridas, a cardiopatia de maior ocorrência em cães geriátricos de médio e pequeno portes. A degeneração valvar ocasiona a distorção dos folhetos, com consequente regurgitação mitral, que leva à sobrecarga de volume e dilatação de átrio esquerdo. Nos pacientes sintomáticos, observam-se manifestações clínicas inerentes à insuficiência cardíaca congestiva esquerda (ICCE), porém, o agravamento do quadro pode gerar hipertensão pulmonar secundária e consequente ICC direita. A DDVM é diagnosticada, mais frequentemente, em cães machos de pequeno a médio porte e de faixa etária avançada. O objetivo do presente estudo foi avaliar a predisposição etária, racial e sexual dos cães acometidos por DDVM em nosso meio. Foram avaliados, em um período de 24